

# Devir-paisagem: vincul-ação

Cidália Ferreira Silva

SegadeDeCá  
19052014

paisagem rural, paisagem urbana, paisagem agrícola, paisagem selvagem, paisagem marítima, paisagem industrial, paisagem geológica, paisagem ribeirinha, paisagem cultural, paisagem natural, paisagem histórica, paisagem humana, paisagem difusa, paisagem compacta, paisagem urbana, paisagem rural, paisagem periférica... Congelamos a paisagem nas categorias com a qual a definimos; acreditamos que cada inclui todas as paisagens assim nomeadas; uma identidade equivocada tanto quanto mulher, homem, criança, ou adulto. Juízos transcendentes, ensinam-nos Deleuze com os quais aprisionamos a vida.



Fig. 1

*And suddenly in this laborious nowhere, suddenly  
the inexpressible spot where the pure too-little  
incomprehensibly changes, suddenly turns  
into that empty too-much.  
Where the multi-digitated sum  
works out without figures.  
Rilke's Duino Elegies V, 1923*

Vínculo é a palavra catalisadora deste texto. Chegou pelo convite do José Martins, há um mês. Desconhecia-a, nela nunca tinha antes submergido. Amo as palavras, aquelas que já tornei minhas e as que não. Por isso, entrei no devir-vínculo.

Vínculo é aquilo que liga: é a corda entre os montanhistas e a montanha; o barco entre os pescadores e o mar; a porta entre o interior da minha casa e o exterior; a margem entre o rio e a terra; o passadiço entre as dunas e os meus pés; o muro entre a minha parcela e a tua; elementos físicos que materializam o vínculo-objeto entre seres identificáveis pela nossa linguagem do 'Ser.'

Vínculo é também relação. Na respiga da teoria da vinculação estabelecida por Bowlby,<sup>1</sup> aprendemos que a vinculação "cunha" a relação da mãe com a criança, sendo estruturadora para as relações sociais desta última. A teoria da vinculação é expandível a todo o tempo de vida da pessoa, nas suas diversas relações humanas, bem como na relação com os espaços, lugares e objetos que habita.

*A vinculação é a relação afetiva de proximidade.*

Amamos o que sentimos próximo. Os nossos pais, os nossos amigos, os nossos lugares, as nossas paisagens. Voltamos aos lugares onde nascemos porque o afeto das nossas aventuras iniciáticas nos regozija, nos torna particulares, nos expande também.<sup>2</sup> "Nosso" significa aqui algo que nos pertence e recursivamente ao qual nós pertencemos. *É o ser daqui, desta paisagem-vida ou é antes o devir-paisagem? É a paisagem um pano de fundo, ou temos que avançar como Châtelet na música recusando-a como "fundo sonoro,"<sup>3</sup> sendo para quem a ouve a própria atividade?*

*Da flor que vejo hoje aqui*

O processo de vinculação com a paisagem e uns com os outros tem na cultura ocidental sido mediado pelo 'ver.' A percepção leva-nos a concluir do mundo finito e autónomo dos objetos-ser e também dos vínculos-objeto do entre-ser. Este 'ver-paisagem' é permeado tanto por distâncias mensuráveis, no espaço e no tempo, fundadas na separação dos sujeitos vinculados, como no que chamamos de 'vínculo-permanência' à imagem-paisagem que substitui a paisagem real e a tende a aprisionar.

Acreditamos desde Parmênides (540 a.C.) que apenas a permanência é real.<sup>4</sup> Permanência que vinculamos à identidade das coisas — lugares ou pessoas. “Genius” é apenas um aprisionamento daquilo que cremos ser o ‘Ser’, seja ser-lugar, ser-paisagem, ser-território. Identidade criada pela linguagem dos predicados (fig.1) que aprisiona a vida, como nos ensina Deleuze<sup>5</sup>.

Amamos a paisagem-objeto porque flui em características fixas; descrevemo-la através das suas partes, como é o caso da identificação das dez unidades de paisagem do estuário do Cávado: Praia, Bancos de Areia, Dunas Primárias, Pinhal Dunar, Sapal, Juncal, Plantação séc. XIX, Área Agrícola, Habitação na Duna, Solos Urbanos.<sup>6</sup>

Apego-me a esta imagem rígida, congelando-a na mente, e quando descobrir que não é mais assim, o vínculo deixa de ser alegre: o campo está a ser comido pela cidade, o mar arrasou a marginal, a água inundou os campos e as prateleiras com os detergentes. Julgo e acuso as causas exteriores a mim: a culpa está nas autoridades, que não resguardaram os meus bens; ou na desventura da pouca sorte da chuva que veio em quantidade e tempo errado... Tudo o que dissolve a minha imagem-paisagem-objeto me causa tristeza. Sou passiva, nada posso fazer perante a causa-objeto exterior que me faz mal.

A flor que olhamos e amamos, sim, essa pode ser descrita e representada na imagem que nos torna alegres e a congela, como a Dorian Gray,<sup>7</sup> mas esse instante- eternidade na imagem-flor é válido apenas e só para este instante aqui e agora em que a olho: este presente; é também válida apenas porque o que represento é a forma-finita do seu ser-flor, objeto delimitado de formas precisas. Desde que se tenha esse cuidado, podemos continuar a representar as imagem-paisagem-objeto, sabendo que é apenas uma imagem de um momento preciso no tempo, e do ser-paisagem que tento captar.

Concluimos que o vínculo-permanência nos pode causar tristeza. E a tristeza não é a porta do conhecimento, mas sim a alegria como nos ensina Espinosa,<sup>8</sup> e como “conhecer e atuar é o mesmo, já que toda a ideia adequada é um esquema de ação e toda a ação é a expressão de uma ideia,”<sup>9</sup> para atuar-projetar precisamos de conhecer, mas para conhecer necessitamos de alegria, porque senão atuamos equivocadamente, criando apenas mais tristeza. Perguntamos assim, *que vinculação substituta pode existir que seja criadora de alegria-conhecimento?*

*O pensamento flor é mais profundo do que o meu olhar<sup>10</sup>*

*Onde começa a água doce e acaba a salgada? Não sabemos. A embocadura do Cávado é uma dança de escala*

incerta de interconexões indeterminadas... da lua, das marés, das chuvas, da nascente na Serra do Larouco, a 135 Km de distância, de todo o devir água-salgada-doce-água. Interessamos agora Heráclito<sup>11</sup> (500 a.C.) que nos ensina ao contrário de Parmenides, que apenas a mudança é real: “não podes passar duas vezes no mesmo rio, uma vez que nem o rio nem tu és o mesmo.”

Para isso temos que entender a causa-relacional das coisas.<sup>12</sup> Temos que substituir o ‘Ser’ pelo ‘Devir-ser,’ e assim também é na paisagem. Mais uma vez ajuda-nos a flor já murcha, que remete para a entropia e para a possível alegria. Quando começamos a tocar as causas relacionais, percebemos que não somos seres passivos da ‘maldade’ exterior, mas ativos na vinculação e por isso podemos transmutar o seu devir, e assim transmutar a tristeza em alegria sendo esta a abertura da porta do conhecimento que leva à ação-devir-paisagem.

Se eu estou triste porque as casas de Cedovém estão a ser ameaçadas pelo mar, não é ao mar que temos que acusar, mas antes entender a causa-relacional, ou a vinculação em curso em que mar-terra dançam o devir incerto do seu amor. Em Cedovém os pescadores nutriam o afeto-respeito pelo devir mar-terra, por isso construía os seus palheiros em transitoriedade. São agora as casas perenes a causa que está

no efeito que está na causa, como nos explica Edgar Morin no seu princípio da recursividade,<sup>13</sup> porque na sua perenidade ignoraram o devir-mar.

Estaríamos antes gratos se reconhecemos o tanto que a terra-mar nos permitiu viver no seu devir em vez de nos queixarmos da desgraça cuja causa está nas nossas ações cegas de desejo de controlo e poder. Temos antes que aprender a arte da gratidão. Gratidão pela terra-água, pela paisagem em passagem, pela vinculação em curso, no devir dos dias.

Mas atenção, tudo continua ainda por devir. Começamos pela linguagem. A linguagem que usamos é a linguagem do Ser, fixa-finalista. É-nos dado a todo o momento o desafio de a transcriar, a partir da imanência da impermanência se realmente desejamos nos aproximar do Devir. A linguagem dos verbos-ação (fig. 2) do devir é uma primeira pulsão: em vez de mar, *marear*, em vez de praia, *prairar*...

Temos que nos colocar em estado de efervescência para o fazer: libertarmo-nos das amarras do ver-ser exige vontade e prática, tão entranhado está em nós as certezas suas. Experimentem a conhecer o vinculação em curso de um muro de suporte através do toque das vossas mãos; fechem os olhos: vão descobrir texturas, (in-)animadas, rugosidades com grãos



dever-mar  
dever-chão  
dever-rio  
dever-água  
dever-céu  
dever-sol  
dever-lua  
dever-mulher  
dever-árvore  
dever-terra  
dever-flor  
dever  
abelha-flor

marear  
charruar  
riarar  
aguar  
cearar  
solarar  
luarar  
mulherar  
arvorar  
terrear  
florear  
deviroar  
abefloar

Fig. 2

diversos, ervas, humidade, vida nas fissuras que tornam visível o vínculo terra-muro. Experimentem agora “ouvir sem ver e assim ver” como fez João Maia no Campo da Feira de Vila Verde,<sup>14</sup> não tão longe de Esposende. Quando ele fechou os olhos viu a porosidade que o chão duro do Campo projetado no nosso estirador, não deixava ver, mapeou o som-paisagem, através do projetar-conhecer com o qual fermentou as ferramentas de transmutação da sua ação-arquiteto.

Para entrar neste grau de vinculação temos também que tocar a ‘paisagem sem órgãos’ transcrita do “corpo sem órgãos” de Artaud, Deleuze e Guattari. Eu faço-me mar; quando dissolvemos os limites rígidos do ser, e entramos no devir do interser<sup>15</sup> como nos ensina Thich Nath Hanh, em que as nuvens estão na chuva, que está na flor, que está na terra, que está em mim, que está.. até incluir todo o universo em cada devir-ser. Nesta paisagem sem órgãos em que “na parte está o todo”<sup>16</sup> como já nos ensinavam Alison e Peter Smithson, a escala é incerta, ao contrário do grau da vinculação anterior em que a certeza do ser-objeto nos tranquiliza, ensina-nos Robert Smithson.<sup>17</sup>

*O que deseja a flor?*

A vinculação é um ‘entre-processo’ seres vinculados e coexiste tanto entre os elementos da paisagem, quanto entre eu e a paisagem, quanto entre eu e tu. Assim entre ‘o vínculo que liga’ e a ‘vinculação que relaciona’ damos um passo à frente; já não vínculo-objeto, mas vínculo-processo; já não vínculo-inação, mas vínculo-ação; já não vínculo-separação, mas vínculo-interconexão; já não vínculo mediado pelo ver, das causas-efeitos lineares, mas vínculo mediado pela energia percolada, das causas-relacionais, recursivas; já não o vínculo-permanência, das identidades congeladas do ser, mas vinculação em curso, do particular que tudo permeia em si, fundada na impermanência criativa que faz a porosidade entre devires dobrados, múltiplos: os do devir-ser, os do devir-vínculo, os do devir-interser; já não vínculo de proximidades mensuráveis, mas vinculação de proximidades topológicas, quer espaciais, quer temporais, seja no tempo dobrado de Michel Serres,<sup>18</sup> e também no espaço dobrado, precipício que abre a possibilidade do longe ser perto e do perto ser longe, ou seja para além de Chronos e Euclides; mas também do tempo vivido, que abre a porta do conhecimento para a incerteza: postulando com Nietzsche, “o único que existe é a ação, o devir, a

potência”<sup>19</sup> e não mais a duplicação da realidade em causas-efeitos, vínculo-vinculado, mas vincul-ações.

Não fiquem tristes continuamos a ser necessários, mas antes a partir de um outro ponto de fuga, com tempo aqui apenas para a semente: pa(i)(s)ajar (fig. 3).

Pa(i)(s)ajar é a hipótese vincul-ação-amor a partir da potência da paisagem.

*O que deseja a flor?*

No infinito, agiremos o pa(i)(s)ajar a partir da imanência da paisagem-em-passagem, coexistência de paisajar-passajar; devimos-paisagem, no princípio da impermanência, e suas cumplicidades— a imperfeição e incompletude. Pa(i)(s)ajar é “um acto de ‘desdobramento’ que tece de um ponto a outro outras tantas relações (...). É isso, actualizar a potência, ou *devir activo*: disso depende a vida e o seu prolongamento.”<sup>20</sup>



Percolar  
Atravessar  
(I)ncitar  
tran(S)mutar  
tranScriar  
contAgiar  
deseJar  
Alimentar  
fermentaR

Fig. 3

## Notas

<sup>1</sup> John Bowlby, “Attachment Behaviour,” Part III. in *Attachment, vol. 1 of Attachment and Loss*, 2<sup>a</sup> ed (London: Hogart Press, 1982 [1953]). O meu agradecimento a Joaquim Borges, por esta referência e pelo devir-vínculo que permeou a alegria geradora deste texto.

<sup>2</sup> Ver Michel Serres “Le Voyage Encyclopédique” para sentir como La Garonne, o rio onde nasceu, é a semente-potência do pensamento filosófico deste autor. Disponível em [http://www.youtube.com/watch?v=iMWljs7qF\\_0](http://www.youtube.com/watch?v=iMWljs7qF_0) [Acedido em 15 Maio 2009].

<sup>3</sup> Gilles Deleuze, *Péricles e Verdi. A Filosofia de François Châtelet* (Vila Nova de Gaia: Estratégias Criativas, 1997) p. 27. [*Périclès et Verdi. la Philosophie de François Châtelet*, Les Éditions de Minuit, 1988].

<sup>4</sup> A. Cornelius Benjamin, “Ideas of time in the History of philosophy,” in J. T Fraser (ed.) *The Voices of Time A cooperative survey of mans views of time as understood and described by the sciences and by the humanities* (London: Allen Lane The Penguin Press, 1968) pp. 3-30, p. 8.

<sup>5</sup> Ver Maite Larrauri e Max, *El Deseo según Gilles Deleuze* (València: Tàndem edicions, 2000), pp. 20-27.

<sup>6</sup> Ver Aurora Martins, *Representação de Processos Territoriais e Geológicos de Equilíbrio da Paisagem do Estuário do Cávado*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, Orientada pelo Prof. Vincenzo Riso e coorientado pelo Arq. Daniel Duarte Pereira (Guimarães: EAUM, 2012) pp. 17-43.

<sup>7</sup> Oscar Wilde, *O Retrato de Dorian Gray*, Trad. Port. Januário Leite (Lisboa: Relógio de Água, 2010). [“Picture of Dorian Gray,” *Lippincott's Monthly Magazine*, 20 de Junho 1890].

<sup>8</sup> Maite Larrauri e Max, *La Felicidad según Spinoza* (València: Tàndem edicions, 2003) p. 62.

<sup>9</sup> Maite Larrauri e Max, *La Felicidad según Spinoza*, p. 64.

<sup>10</sup> Transcriado a partir do nome da obra de Chen Hui-chiao “Thoughts of flowers go deeper than looking,” 1993.

<sup>11</sup> A. Cornelius Benjamin, “Ideas of time in the History of philosophy,” p. 9.

<sup>12</sup> cf. Com a “noção comum” de Espinosa” Maite Larrauri e Max, *La Felicidad según Spinoza*, p. 60-62.

<sup>13</sup> Ver princípio da recursividade, Edgar Morin, *Introdução ao Pensamento Complexo*, trad. Port. Dulce Matos (Lisboa: ESF Editeur Instituto Piaget, 2008) p.108. [Introduction à La Pensée Complexe, ESF Editeur, 1990]

<sup>14</sup> Ver João Maia e Silva, *Topografia do Ruído: o som como catalisador de projeto - transformação da não-porosidade física do Campo da Feira de Vila Verde em porosidade espacio-temporal*, Tese de Mestrado Integrado em Arquitectura, Orientada pelo Prof. Cidália Ferreira Silva (Guimarães: EAUM, 2013).

<sup>15</sup> A noção de “interser” de Thich Nath Hanh é sintetizada pela frase “Eu vejo-me a ti em mim, e a mim em ti.” Ver por exemplo “I see You in Me, and Me In You,” disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=azOZ8d0UvVs> [Acedido em 22 de Janeiro 2012] e também Thich Nhat Hanh, *Being Peace*, Arnold Kotler (ed.) (Berkeley: Parallax Press, 1987).

<sup>16</sup> Alison and Peter Smithson (1952-53) “Urban Re-identification” in *Ordinances and Light* (London: Faber and Faber, 1970) p.94.

<sup>17</sup> Robert Smithson, “The Spiral Jetty”, in Jack Flam (ed.) *Robert Smithson: The Collected Writings* (Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1996) [1972] pp. 143-153, p. 147.

<sup>18</sup> Ver Michel Serres with Bruno Latour, *Conversations on Science, Culture, and Time*, Trad. Roxanne Lapidus (Ann Arbor: University of Michigan Press, 1995) pp.57–61.

<sup>19</sup> Maite Larrauri e Max, *La Potencia según Nietzsche* (València: Tàndem edicions, 2005) p. 38.

<sup>20</sup> Gilles Deleuze, *Péricles e Verdi. A Filosofia de François Châtelet*, p. 22.